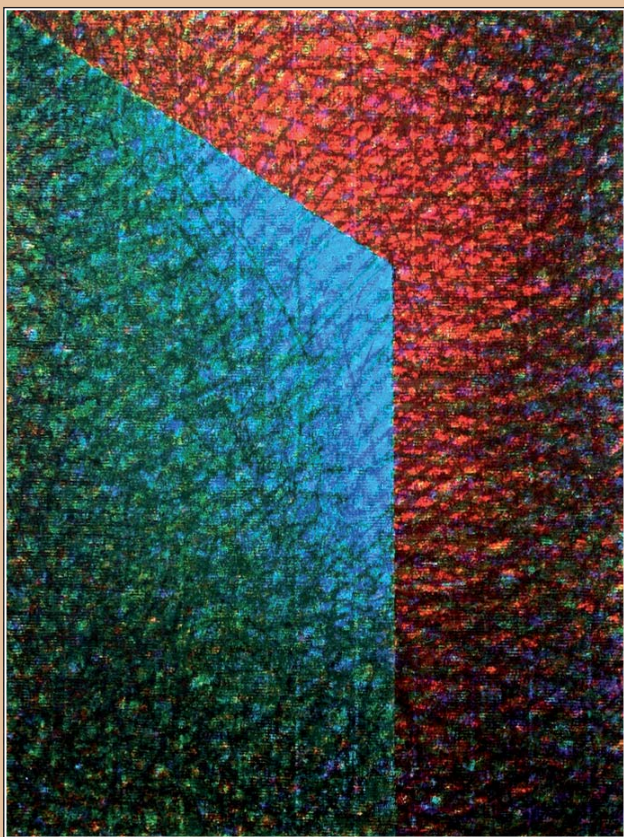


Eugénio Lisboa

INDÍCIOS DE OIRO

I



temas portuguesas

Título: Indícios de Ouro
Vol. I — Autores Portugueses

Autor: Eugénio Lisboa

Edição: Imprensa Nacional-Casa da Moeda

Concepção gráfica: DED/INCM

Capa: Gravura de Angelo de Sousa

Tiragem: 1000 exemplares

Data de impressão: Agosto de 2009

ISBN: 978-972-27-1714-4

Depósito legal: 294 924/09

*À Maria de Lourdes Cortez
dedico estes textos, que, por certo,
ecoam e prolongam uma conversa que vem de longe*

À memória de Alberto de Lacerda

A ABRIR

Fui roubar, sem escrúpulos, o título Indícios de Oiro ao livro de Mário de Sá-Carneiro. Este meu livro que agora se publica, já com este mesmo título, foi concebido e montado em Setembro-Outubro de 1999, isto é, há quase oito anos. Mais recentemente, apareceu uma simpática editora com o mesmo nome. Nem ela nem eu sabíamos, obviamente, um do outro: eu, porque, em 1999, a editora ainda não existia; ela, porque, ao aparecer, não tinha conhecimento do meu manuscrito já organizado e apto a ser editado, embora diferente, no conteúdo, daquele que agora se edita e inclui textos nessa altura ainda não escritos. Digamos, sem modéstia, que tivemos ambos uma boa ideia, mas, em qualquer dos casos, um livro é um livro e uma editora é uma editora.

Para travar, desde já, as tentações malévolas dos maldosos de serviço, apresso-me aqui a dizer o óbvio: os «indícios de oiro» a que o título alude estão nos textos que sondo ou estudo e não no teor da sondagem, que é apenas o que pode ser, sendo eu quem limitadamente sou. Indícios de oiro, detectamo-los em Camões, em Camilo, em Eça, em Pessoa, em Régio, em Domingos Monteiro, entre tantos outros. Mas, se o discurso que tenta desvelá-los não pretende ser oiro, nem sequer indícios dele, aspira, isso sim, a ser luz, a ser clareza — a ser, desempenadamente, um percurso que não obscurece, que não acrescenta a uma opacidade outra opacidade ainda maior.

Ao longo de uma prolongada vida de leitura — ce vice impuni —, de prazer com a leitura e com a transmissão aos outros, espero eu, desse prazer, tem-me não raro surpreendido a separação de águas que vai sendo hábito fazer-se: de um lado, o acto criativo par excellence (a poesia, a ficção, o teatro); do outro, isto que sobretudo tenho feito: o ensaio, o estudo, a recensão, a crónica, em-

preendimentos supostamente menos criativos ou de todo não criativos... Tenho-me rebelado contra isto — e com bons motivos. E tenho insistido, em boa companhia, em que há mais intensidade criativa (mais alegria de escrita...) num bom e estimulante ensaio de Steiner, de Barthes, de Ozick ou de Birkerts (ou de Claude Roy) do que numa poesia apenas razoável ou numa ficção que se arrasta para dentro do meu tédio e me dá vontade de a pôr de lado, com força (como saudavelmente recomendava a inesquecível Dorothy Parker). Claude Roy, atrás citado, disse-o de uma vez por todas, e não vale a pena tentar fazer melhor: «Não há críticos de um lado e escritores do outro, há simplesmente bons escritores e maus escritores. [...] No fim de contas, os maus romancistas fazem literatura sobre a vida, os maus poetas literatura sobre os sentimentos, os maus críticos literatura sobre a literatura. Mas os bons romancistas fazem vida sobre a vida, os verdadeiros poetas fazem vida sobre a vida e os bons críticos fazem vida a partir dos livros sobre a vida.»

Seja como for, o conjunto de textos aqui reunidos é uma colecção que não obedece bem a um plano, que não tem exactamente um script que precedesse a sua redacção. Foram trabalhos que aconteceram ao sabor de solicitações ou de acontecimentos ou de impulsos meus e aqui acharam forma de se encontrarem, de convergirem ou de se chocarem. Tudo faz parte — o encontro, o desencontro, o choque, o mútuo estímulo — do protocolo singular da vida. Organizand-os nos cinco corpos que aqui se oferecem, procurou-se, a posteriori, uma arrumação em que eles naturalmente não nasceram. Por outras palavras, os materiais existentes ditaram a arquitectura — e não o inverso.

As individualidades, os tópicos, as obsessões aqui recolhidas têm, julgo eu, no modo por que os sondo ou como os vivo ou, nas razões ocultas por que as acolho, algum denominador comum. Deixo ao leitor interessado identificá-lo — se achar que isso vale a pena. Mesmo sem esse exercício, o conjunto de textos aqui reunidos achará porventura alguma justificação, se tiver a força de constituir-se em estímulo para, a partir deles, se encetarem percursos de eventual maior profundidade e mais sólida sustentação. Que os «indícios de ouro» aqui detectados possam transformar-se em barras autenticadas com o selo de outros saberes melhores — é o meu profundo e sincero desejo.

São Pedro do Estoril, 2007.

AUTORES PORTUGUESES

VIAJAR COM ULISSES (A PROPÓSITO DE CAMÕES)

Um verso célebre do poeta francês do século XVI, Joachim du Bellay, reza assim, na densidade austera da sua infinita riqueza: «Feliz quem, como Ulisses, fez uma boa viagem.» Na verdade profunda que contém, o verso esconde um facto notório e algo perturbante: é que a famosa odisseia de Ulisses esteve emperrada nove alongados anos, com o herói encalhado nos braços sedutores de Calypso. E, quando deles se libertou, foi menos para se dar de novo aos prazeres da viagem do que para regressar, obediente e provavelmente cansado, a Ítaca e se abandonar à rotina da vida doméstica (com, pelo meio, também é verdade, um derradeiro urrah! de vigoroso guerreiro votado à chacina dos atrevidos pretendentes de Penélope). Esqueçamos, no entanto, como dizia a inesquecível Suze, de António Patrício, estes «pormenores» e erijamos, sem escrúpulos de maior, Ulisses como símbolo da viagem. Fazer, como Ulisses, uma boa viagem! Quem não passou por sonhar isto, sobretudo os da minha geração — que pouco ou nada viajava, antes de uma certa idade — e os que, como eu, adolescentes, viviam confinados num Moçambique, remoto e esquecido, ainda que vivificado pelo sol e pelo Índico, omnipresentes, obsessivos e fecundos. Vivendo literalmente dentro do Índico, em que nos banhávamos diariamente, como quem carrega baterias, sentíamos-nos sensual e misticamente ligados aos mundos a que o mar — aquele mar — conduzia. «A voz do mar», dizia a grande romancista norte-americana Kate Chopin, «fala-nos à alma. O toque do mar é sensual, envolvendo-nos o corpo no

seu abraço apertado e macio.» O mar, «cúmplice do desassossego humano», como dizia Conrad, que nele viveu e sobre ele magistralmente escreveu, simultaneamente nos aplacava, nos seduzia e nos inquietava. Vivíamos nele e com ele, mas seria despropositado dizer que falávamos com ele de igual para igual. O mar acariciava-nos e fazia-nos ilimitadas promessas, mas, por outro lado, sentíamos que nos ameaçava com a sua irresponsável enormidade. Os poetas sabem destas coisas, quero eu dizer que sabem *vê-las* e sabem *dizê-las* para que nós delas tenhamos, depois, mais clara consciência. Carl Sandburg, poeta audacioso dessa América desmedida e um pouco brutal, observava que «o mar fala uma língua que as pessoas educadas nunca repetem. É um colossal calão de abutre e não respeita coisa nenhuma.» Era nesse intemperado e temível calão, forte e selvaticamente poético, que o Índico, nos anos 40, nos fazia ameaças, mas nos aliciava também com inesgotáveis promessas. A alguns de nós ele prometia, sobretudo, *uma viagem*. Nesse tempo, não havia ainda universidade naquelas margens do Índico em que se falava português. Estudar implicava mudar, isto é, viajar. Viajar, isto é, ir descobrir — ir ver, claramente vistos, outros horizontes, outros sóis, outras gentes. Ir fazer, em sentido inverso, grande parte da viagem que fizera Vasco da Gama em 1498 e Camões cantara n’*Os Lusíadas* em que os nossos 15 anos se tinham, quase deslumbradamente, iniciado. O «largo mar», «o longo mar», «o duvidoso mar» e, também, *hélas!*, «o irado mar», entre Lourenço Marques e o Cabo das Tormentas, e, depois, o resto, mais calmo, até Lisboa, ia ser nosso durante um mês de viagem. Nele iríamos, saudável e, por vezes, penosamente, aprender e desaprender. Deixar lastro velho e ardido (preconceitos, crenças, falsos conhecimentos) e adquirir, ao sopro fresco do observado em primeira mão, conhecimentos novos. Enquanto líamos sobre a Europa nos romances que apaixonadamente devorávamos (*O Lírio Vermelho* oferecia-nos Florença, *Os Thibault* abriam-nos as portas de Paris, do mesmo modo que Lawrence nos ofertava a Inglaterra e o México, ou Panait Istrati os cardos do Baragan romeno, ou, ainda, Eça de Queirós nos iniciava em Lisboa e nos seduzia com Sintra), enquanto líamos, sonhávamos com a longa viagem que nos levaria da Ítaca lourenço-marquina à Europa onde lan-

çaríamos o nosso cerco de que resultaria a conquista final e inevitável! Seria, como ensinava Gide, uma longa viagem de desinstrução que nos garantiria, subsequentemente, uma nova (mas também provisória) instrução. Toda a viagem — e a do Gama, n’*Os Lusíadas* e na realidade, não foi exceção — é, simbolicamente, uma busca da verdade ou de uma verdade melhor, ou da sabedoria ou de uma sabedoria melhor, ou da paz, ou de um bom comércio ou da imortalidade ou de uma maior simplicidade ou simplificação das nossas vidas (Gide notava que ia muitas vezes viajar apenas para fugir ao peso dos seus bens). O viajar bom e produtivo é sempre um fugir à rotina, ao que já se sabe muito bem, ao onde se está demasiado bem. Viajar deve ser um abandono do que já nos não excita, uma desinstrução necessária a bem de uma nova instrução que nos recria e nos faz viver de novo. Nesse livro de um lirismo arrebatador, que perturbou e agitou jovens de todas as latitudes e longitudes do globo terrestre, no final do século passado e sobretudo no primeiro quartel do nosso século — refiro-me a *Les Nourritures Terrestres* — André Gide proclamava com provocante despudor: «Enquanto outros publicam ou trabalham, eu passei três anos de viagem a *esquecer*, pelo contrário, tudo o que tinha aprendido de cabeça. Essa desinstrução foi lenta e difícil; foi-me mais útil do que todas as instruções impostas pelos homens e foi, verdadeiramente, o começo de uma educação.» Mais adiante, dirigindo-se a um discípulo imaginário, exorta-o nestes termos: «Nataniel, eu quero aprender o fervor. [...] não te demores ao pé daquilo que se parece contigo; não permaneças nunca, Nataniel. Desde que um ambiente se começou a parecer contigo ou tu com ele, deixou de ser, para ti, proveitoso. *É preciso deixá-lo*. Nada é mais perigoso para ti do que a tua família, do que o teu quarto, do que o teu passado.» Era este mesmo André Gide que afirmava ter escolhido como seu herói favorito não Ulisses — por causa de Ítaca, que definitivamente o roubou à viagem — mas, sim, Sindbad, o marinheiro, de uma das histórias de Scheerazade, n’*As Mil e Uma Noites*; porque, conforme explicava Klaus Mann, na célebre biografia que consagrou ao autor das *Nourritures*, «Sindbad não tem Ítaca à sua espera, nem esposa, nem filho, nem cão. Nem existem nele sentimentos capazes de extinguir-lhe o fervor».

Sindbad era, em suma, a disponibilidade absoluta para a viagem, a aventura — *a aprendizagem*. Como a marinhagem de Vasco da Gama, que se fez ao mar disponível para aprender do que seus olhos vissem «claramente visto», em flagrante desrespeito pela cultura oficiosa que Aristóteles por tantos séculos legara, assim nós, ainda que a medo, largávamos em Lourenço Marques, e caminhando em sentido inverso, casa, quarto, família, passado e cão — ao encontro de conhecimentos novos que pudéssemos *ver claramente vistos*. Equipados unicamente de abertura de espírito, audácia e olhos, os marinheiros do Gama exercitavam-se, com orgulho quase triunfalista e não pouca euforia, a *ver* os fenómenos que a natureza generosamente lhes propiciava:

*Vi, claramente visto, o lume vivo
Que a marítima gente tem por santo,
Em tempo de tormenta e vento esquivo,
De tempestade escura e triste pranto.
Não menos foi a todos excessivo
Milagre, e cousa, certo, de alto espanto
Ver as nuvens do mar, com largo cano,
Sorver as altas águas do Oceano.*

Neste orgulho de confiar no que os olhos viam — o Renascimento começava a estar em vigor — Camões põe na boca do Gama, em pouquíssimas estrofes, nada menos que *oito* vezes o verbo *ver*. Ver, acreditar no que se via e não no que diziam as escrituras (fossem elas religiosas, filosóficas ou científicas) tornava-se, por fim, postura normal do cientista ou do estudioso *tout-court*. Ver, antes de sentenciar. Por isso observou Bertrand Russell, alguns séculos depois e com não pouco humor, que Aristóteles teria podido evitar a afirmação de que as mulheres têm menos dentes do que os homens, pelo expediente fácil de pedir à Sr.^a Aristóteles que abrisse a boca. O Gama e os seus marinheiros não pediam exactamente à natureza que lhes abrisse a boca, mas solicitavam-lhe, isso sim, que se abrisse, com os seus infinitos segredos, à perscrutação que sobre ela, gostosa e assombradamente, iam exercitando. Fazer confiança na observação é um tópico que Camões canta

com vigor e algum panache: na boca do Gama, põe estas palavras, que quase intersectam um justificado orgulho ou até arrogância:

*Eu o vi certamente (e não presumo
Que a vista me enganava) levantar-se
No ar um vaporzinho e sutil fumo
E, do vento trazido, rodear-se;
De aqui levado um cano ao polo sumo
Se via, tam delgado, que enxergar-se
Dos olhos facilmente não podia;
Da matéria das nuvens parecia.*

«E não presumo que a vista me enganava.» Eis o emblema triunfal de um novo homem: o homem do saber de experiências feito, o homem que confia no que a natureza lhe diz e não no que lhe sopram as escrituras e... os inquisidores. Há no canto de Camões um petulante e matinal desafio às chamadas «autoridades»:

*Vejam agora os sábios na escritura
Que segredos são estes da Natura!

Se os antigos filósofos, que andaram
Tantas terras por ver segredos delas,
As maravilhas que eu passei passaram,
A tam diversos ventos dando as velas,
Que grandes escrituras que deixaram!
Que influência de signos e de estrelas,
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.*

N'Os *Lusíadas*, Camões canta a história de Portugal, por intermédio de Vasco da Gama, que a conta ao rei de Melinde, mas canta, sobretudo — e com que energia, claridade, alegria e abençoada arrogância —, o nascimento de um homem novo e de um mundo novo — a exigirem cuidados de manipulação carinhosa e de cautelosa gestão de que o honrado velho do Restelo duvidara já que fôssemos totalmente capazes. O velho do Restelo e, com o decorrer do tempo, certamente, o próprio

Camões. Um império se fundou que, melhor ou pior, foi durante. Mas a decadência instala-se cedo. Sobrecarregadas de produtos, de ganância e do frenesi de enriquecer depressa e mal, mal mantidas e superficialmente reparadas, as naus da *História Trágico-Marítima* indicam que o fim do Império começara cedo — a dar razão ao «honrado velho» — e se foi arastando por quase quatro séculos: morrer, sim, mas devagar, emblematizara D. Sebastião, que, pelos vistos, era louco mas não era parvo... No «Camões na Ilha de Moçambique», escrito em 20 de Julho de 1972, de visita à «Isle Joyeuse», Jorge de Sena pinta já, na altura do interrompido regresso à pátria do poeta d'Os *Lusíadas*, o início da decadência, a mesquinha pelintrice de um império mal gerido e mal «fichu», em que os vadios e pedintes comem d'amigos ou das migalhas parcas que o rei vai, apesar de tudo, deixando cair...:

*Não é de bronze, louros na cabeça,
nem no escrever parnasos, que te vejo aqui.
Mas num recanto em cócoras marinhas,
soltando às ninfas que lambiam rochas
o quanto a fome e a glória da epopeia
em ti se digeriam. [...]*

Embora com a pátria morrendo, o poeta, em 1580, a sua obra foi ficando e inspirando outros poetas, do mesmo passo que o império, com mais ou menos sobressaltos de vida artificial, se foi finando: as suas duas finais e minúsculas parcelas em breve se irão para novas vidas e novos destinos. Mas os impérios são uma coisa e quem os canta outra muito diferente. Camões tem ficado, no mundo de fala portuguesa, como referência capital. Tenho encontrado, por todo o mundo, em África, no Brasil, na América, gente não portuguesa que recita, de cor e com paixão, estrofes d'Os *Lusíadas*, sonetos, canções, odes do grande poeta português. No fundo, todo o grande poeta de língua portuguesa sofre, saudavelmente, da angústia de não ser Camões: uns tentam igualá-lo ou superá-lo, do mesmo passo que ensaiam diminuí-lo, com qualificativos redutores; outros julgam tê-lo, de facto, igualado ou superado: a paranóia é a virtude cartesianamente mais bem distribuída — mais ainda

do que o bom senso, de que é saborosa antípoda... Fernando Pessoa, por exemplo, imaginou-se supra-Camões, sugerindo, contraditoriamente, não ser isso grande feito, porque o «italianizado» autor de «Alma Minha» pouco mais lhe merecia do que desprezo; Jorge de Sena ter-se-á mesmo perguntado se tal projecto — supra-camonear-se — seria sequer digno da sua (de Sena) magnitude; Régio, que admirava sem reservas o bardo renascentista, seguiu-lhe, simplesmente, e sem bravata, o estro e a toada, nas oitavas escaldantes da «Sarça Ardente»:

*Assim, mãe, mãe de enigmas e de assombros,
Natureza!, me achei a ti alçado;
Assim, por entre os cúmulos e escombros
Dos teus cenários, me perdi, jogado;
E assim, mãe, me surgiste, o azul aos ombros,
Ofertando e premindo o seio inchado
De aragens, néctares, hálitos, eflúvios,
Himalaias, Atlânticos, Vesúvios...*

Rui Knopfli, moçambicano da Terra da Boa Gente, menos atrevido, mais modesto, abertamente fascinado pelo bardo de *Sôbolos Rios*, limitou-se a querer *prolongá-lo* para além da glória até ao momento exacto do fim, num roteiro melancólico da Ilha de Moçambique, que nos entregou como quem se despede do Império e da sua intoxicante vastidão (que criticou mas amou) e da vida, de que nunca gostou por aí além:

*Uma humidade escura [diz, referindo-se à Ilha] e pegajosa,
[alastrará de novo
sobre o teu dorso de brancos e amarelos, desenhando
nele estranhos, esquálidos arquipélagos fantásticos.
A gangrena e a lepra do tempo minarão
encarniçadamente o teu arcaboijo atarracado,
modelando-te à imagem e semelhança do bizarro
solo osteoporoso em que — memória cristalizada —
repousas entorpecida de mar e ausência,
esmerilado e exacto monumento à vã cobiça
aos erros graves e à grandeza desmedida que os gerou.
Sob a metálica indiferença de um céu anil,*

*porto de olvido na rota perdida das Índias,
volverás assim um ressentimento da areia,
solução de pedra ao sabor da monção.*

Assim cantam os grandes poetas o nascimento, crescimento, decadência e morte dos impérios: morrem as estruturas materiais mas salva-se o canto. De resto, dizia já o velho Mestre de Santiago, da grande peça de Montherlant, que «as colónias são feitas para serem perdidas. Nasceram com a cruz da morte estampada na frente». A poucos meses de se desligarem de Portugal as duas minúsculas parcelas de um império que foi grande, mesmo quando mal governado, e atracadas que forem as naus portuguesas no cais do regresso definitivo, restar-nos-á fazermos como os marinheiros do Gama, que se foram desinstruindo para melhor se instruírem de fresco, e desaprendermos todo um modo de viver e estar no mundo para podermos aprender uma nova maneira de abrir espaço à nossa volta — um espaço que não será físico mas espiritual, cultural, científico — e mais fraterno. Arrumadas as caravelas no museu do património de que não temos só que nos envergonhar — porque muito há de positivo e até de grande a celebrar —, compete-nos aprender a viajar noutra veículo que herdámos, com um esplendor nunca depois excedido, de Camões — a língua portuguesa, que ele manipulou com astúcia, subtileza, inteligência, intuição e — não sejamos modestos — génio e inventiva e emoção, dela fazendo um instrumento de peculiar eficácia com que nós e outros que por esse mundo visitámos pudéssemos explorar o nosso comum e vário assombro: aquele assombro que é motor de arranque para tudo quanto o homem tem produzido de inconfundivelmente grande. Se Camões outra coisa não fosse — e foi um grande e inimitável poeta, isto é, um promotor e decifrador de espantos — ficaria sempre como o patrono privilegiado de uma língua que só é grande na medida em que é partilhada e trabalhada e saborosamente modificada por tantos que se distribuem pelas mais desvairadas latitudes e longitudes, fecundados por sóis diferentes e batidos por ventos diversos.

Em três versos densos e tersos, o poeta António Ferreira, contemporâneo de Camões, cometeu à língua portuguesa o seguinte e audacioso caderno de encargos:

*Floresça, fale, cante, ouça-se e viva
a portuguesa língua, e lá onde for
Senhora vá de si, soberba e altiva.*

Em memória de Camões e a pensar nos que hoje, em todo o mundo, dele herdaram o esplendor da língua, resta-me desejar que o mandato de António Ferreira possa ter, pelos séculos dos séculos, cabal cumprimento.

Junho de 1999.

ÍNDICE

<i>A abrir</i>	9
----------------------	---

AUTORES PORTUGUESES

Viajar com Ulisses (a propósito de Camões)	13
Garrett e nós (I)	23
Garrett e nós (II)	29
(Con)viver com Camilo	35
Camilo — A tragédia e o homem comum	47
A carta de Teresa	55
Um autor medicinal	63
José Matias — Uma reencenação do mito de Tristão	71
Os biógrafos de Eça de Queirós	81
Dicionários de citações	87
Um homem chamado Eça	93
Luís Cardim — Um singular agente de relações culturais	99
O exílio em Cavafy e Fernando Pessoa	107
<i>A Selva</i> : no coração das trevas	117
Um anarquista compassivo?	127
Ferreira de Castro e o seu romance <i>O Intervalo</i> : uma metáfora para a condição humana	129
O crepúsculo da vida (a propósito de <i>A Curva da Estrada</i>)	141
João de Araújo Correia: o espelho do Douro	153
A particular tristeza das ruínas	165
Duas palavras	179
Ouro e prata em terra estrangeira	181
A música lá fora	189
Um romance introspectivo	195
Domingos Monteiro: um intangível resíduo de prazer	201
Alguns centenários	213
Sílvio Lima: um discorrer vibrante e cálido	217
Branquinho da Fonseca — Os cem anos de um escritor não concluído	223

Agostinho da Silva e a literatura	227
Agostinho da Silva — Uma nota à margem	241
Carlos Queirós (1907-1949)	247
O sentido do dever e o dever dos sentidos	251
Adolfo Casais Monteiro: a palavra rude	261
O último presencista — Albano Nogueira (1911-2006)	267
Vergílio Ferreira: <i>mors et vita</i>	269
Óscar Lopes e o neo-realismo	273
Fernando Namora	279
A mais imediata respiração da vida: sobre a correspondência de Jorge de Sena	285
A dor redimida	291
Urbano Tavares Rodrigues	299
Urbano contista	307
Urbano Tavares Rodrigues: um mundo alternativo	311
Eugénio de Andrade — Claridade e ambiguidade	321
David Mourão-Ferreira: a obscura clareza das estrelas	329
David Mourão-Ferreira: a natureza do príncipe	341
David Mourão-Ferreira: memórias de uma amizade	347
Maria de Lourdes Pintassilgo — Senhora Quixote	355
As palavras que Maria de Lourdes nos deu	359
Herberto Helder — Uma questão de intensidade	363
Viver com os bichos: a propósito do <i>Bestiário</i> de António Osório	367
Dois livros de poesia	373
<i>Ao Sabor da Escrita</i> , Júlio Conrado	381
Um luso-africano em Londres	385
Assombros	389
Estórias de Teresa	393
Casas. Uma celebração	397
Teolinda Gersão	401
O brilho ácido da cal	405
Onésimo: o sal da conversa	409
Uma casa de afectos	415
Conversa sobre uma conversa acerca de uma conversa violenta	421
Rosas da China	425

Acabou de imprimir-se
em Agosto de dois mil e nove.

Edição n.º 1016565

www.incm.pt
comercial@incm.pt
E-mail Brasil: livraria.camoes@incm.com.br